

Aquiles, Cáriton de Afrodísias e uns versos de Homero citados por Platão

Achilles, Chariton, and some Homeric verses quoted by Plato

Adriane da Silva Duarte

Universidade de São Paulo
asduarte@usp.br
ORCID: 0000-0002-7133-3115

Palavras-chave: Aquiles; *Iliada*; Platão; *República*; *Quéreas e Calírroe*; Recepção dos clássicos.
Keywords: Achilles; *Iliad*; Plato; *Republic*; *Chaereas and Callirhoe*; Classical reception.

A recepção de Aquiles no período imperial tem importante capítulo no romance grego antigo, em que o herói de Homero é associado ao protagonista masculino das narrativas amorosas. Isso é visível em *Etiópicas* (II.34), de Heliodoro, em que Teágenes é apresentado como descendente do Pelida, e, em *Leucipe e Clitofonte* (6.1), de Aquiles Tácio, em que Clitofonte é comparado, ainda que ligeiramente, a Aquiles quando se traveste para escapar da convocação à guerra. Mas é sobretudo em *Quéreas e Calírroe*, de Cáriton de Afrodísias, que essa relação é mais evidente, uma vez que o herói épico é, desde a abertura do romance¹, modelo declarado para a caracterização de Quéreas, relação que continua a ser explorada ao longo da narrativa.

Com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão da releitura que o herói homérico recebeu nesse novo contexto, vou me concentrar na obra de Cáriton, que é, dentre os autores do romance, o mais “homerista”, tanto no sentido de que seu romance estruturalmente remete à trama da *Iliada*, com a recriação do triângulo amoroso que tem no seu centro uma mulher de excepcional beleza, quanto pelas remissões que faz dos poemas homéricos, sendo que apenas da *Iliada* são cerca de quinze citações diretas, além de outras cinco de caráter formular, que ocorrem também na *Odisseia*, e dos versos retomados

¹ Cf. Cáriton de Afrodísias (2020), *Quéreas & Calírroe*, I.1: “Quéreas era um rapaz fofinho, superior a todos, como os Aquiles, Nireu, Hipólito, Alcebíades que escultores e pintores retratam”. Em que Aquiles, juntamente com os demais, mas que, diferentemente dele, não serão mais referidos no romance, surge como um claro elemento de comparação para Quéreas.

desse último livro². Muitas dessas menções correlacionam Quéreas ao herói de Homero, mas, aqui me interessam três passagens específicas em que são citados versos da *Iliada* evocativos de Aquiles³. A escolha dessas passagens, antes de ser aleatória, me foi sugerida por Platão, que, na *República*, coloca os mesmos versos na boca de Sócrates, naquela que constitui uma outra releitura de Aquiles. Minha proposta, então, é examinar se a recepção de Aquiles por Cáriton foi de alguma forma mediada por aquela de Platão.

No livro segundo da *República* (376c), Sócrates introduz o tópico da educação dos guardiões: “como nos serão eles criados e educados?”⁴. E logo a conversa o leva a examinar os poemas de Hesíodo e Homero e os “mitos” mentirosos que narram sobre deuses e heróis. A discussão é longa e se desdobra em vários tópicos dos quais quero examinar um, o de que é prejudicial representar um herói entregue ao sofrimento, já que se deve estimular nos guardiões a coragem, pois é de todo indesejável que tenham a morte e lamentem a perda de um ente querido (387d). Em vista disso, o filósofo recomenda que os trenos estejam restritos às mulheres e aos covardes, contraindicando-os aos guardiões. E diz na sequência (388 a-b):

_Ainda pediremos a Homero e aos outros poetas que, em seus poemas, não apresentem Aquiles, filho de uma deusa,
*ora deitado sobre o flanco, ora de costas,
 ora de borco,
 ora pondo-se de pé, fora de si, errando pela margem do mar imenso [e nem] com as duas mãos, pegando a cinza escura e esparzindo-a sobre a cabeça, nem chorando e gemendo pelos sofrimentos – quantos e quão dolorosos foram! – que Homero põe em seu poema, nem Príamo, um descendente de Zeus, fazendo preces e rolando no esterco
 a chamar pelo nome de cada um dos seus homens.”⁵*

πάλιν δὴ Ὅμηρου τε δεησόμεθα καὶ τῶν ἄλλων ποιητῶν μὴ ποιεῖν Ἀχιλλέα θεᾶς παῖδα, “ἄλλοτ’ ἐπὶ πλευρῆς κατακείμενον, ἄλλοτε δ’ αὐτε ὕπτιον, ἄλλοτε δὲ πρηνῆ” (Hom., *Il.* 24, 10-12), “τοτὲ δ’ ὀρθὸν ἀναστάντα πλωϊζοντ’ ἄλουντ’ ἐπὶ”, [388β] “θῖν’ ἄλως ἀτρυγέτιοι,” (Hom., *Il.* 24, 12), μηδὲ “ἀμφοτέραισιν χερσὶν ἐλόντα κόνιν αἰθαλόεσσαν χευάμενον κακ κεφαλῆς” (Hom., *Il.* 18, 23-24), μηδὲ ἄλλα “κλαίοντά τε καὶ ὀδυρόμενον” ὅσα καὶ οἷα ἐκεῖνος ἐποίησε, μηδὲ Πρίαμον ἐγγὺς θεῶν γεγονότα “λιτανεύοντά” τε καὶ — “... κυλινδόμενον κατὰ κόπρον, ἐξονομακλήδην ὀνομάζοντ’ ἄνδρα ἕκαστον” (Hom., *Il.* 22, 414-15).

² Tilg (2010, p. 141): “One of the most conspicuous features of NAC [Narratives about Callirhoe] is the insertion of a large number of lines from the *Iliad* and the *Odyssey*. Chariton quotes Homer far more frequently than any other novelist does, about thirty to forty times depending on a definition of a quotation”.

³ Remeto a Duarte (2019) para uma análise mais ampla das referências iliádicas no romance em questão.

⁴ As citações da *República* são da tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado (Platão, 2006).

⁵ A citação dessa passagem foi levemente modificada, modificação essa indicada pela introdução dos colchetes.

Como conclusão, Sócrates enuncia (388d):

Se lamentos como esses, caro Adimanto, nossos jovens ouvissem com seriedade, e não rissem deles como de palavras ditas de maneira inadequada, dificilmente um deles se julgaria, homem que é, indigno deles e não se censuraria, caso lhe ocorresse dizer ou fazer algo semelhante. Ao contrário, sem sentir pudor e sem procurar conter-se, por pequenos que fossem seus sofrimentos, entoaria muitos trenos e lamentações.”⁶

Para exemplificar seu ponto de vista, o filósofo remete a dois momentos da *Iliada* em que Aquiles e Príamo experimentam a dor do luto pela perda de Pátroclo e de Heitor, respectivamente. Aquiles, a quem vou me restringir, daria mal exemplo aos guardiões por não controlar as emoções, de modo que, se não considerassem impróprio ou ridículo o seu comportamento, se sentiriam livres para imitá-lo, o que seria de todo inaceitável, colocando em risco a ordem social.

Volto aos versos homéricos, que Sócrates cita com pouca discrepância em vista do texto que temos hoje⁷, cujo contexto quero examinar. Refletindo sobre o papel da citação em Platão, Silva (2015, p. 174) observa que:

O recurso da citação sempre foi imprescindível para o desenvolvimento de um *lógos* capaz de se estabelecer explicitamente enquanto diálogo, não apenas com seu próprio tempo, mas com toda a tradição que o precede. Quer tenha sido movida por intenções agônicas, ou por uma reverência quase hierofântica com relação a determinados autores, toda a tradição epistemológica foi construída a partir do retorno às palavras de precursores eleitos para uma nova *mise-en-scène*.

Em vista dessa nova *mise-en-scène*, que se quer agônica e não, reverencial, deve-se perguntar, além de com qual finalidade os textos são revisitados, qual o sentido dos trechos citados em seu contexto. Para isso, é preciso voltar à obra de origem. Ou seja, conforme Silva (2015, p. 191), há de se considerar o contexto do qual a citação foi retirada, o trecho em que tal citação foi inserida, além dos deslocamentos operados pelo seu emprego.

As passagens referidas pertencem aos cantos 18 e 24 da *Iliada*, sendo citadas em ordem inversa. Delimitam todo o processo de luto vivido por Aquiles desde que é informado da morte de Pátroclo (*Il.* 18) até às ações que toma para vingar

⁶ Esses mesmos argumentos são retomados no livro X, 605d-e: “Ouve e presta atenção! Os melhores entre nós, ao ouvir Homero ou outro poeta trágico imitando um herói que, tomado pela dor do luto, dispara uma grande tirada entremeada por gemidos ou canta e bate no peito, disso sabes muito bem, sentimos prazer e, esquecendo-nos de nós próprios, vamos atrás deles compartilhando de seus sentimentos e ainda, com muito empenho, louvamos como bom poeta principalmente quem nos emocionar a tal ponto. [...] Do outro lado, sabes que, quando ocorre para um de nós um luto em família, gabamo-nos da atitude oposta, se conseguimos manter a calma e resistir (*ἄν δυνώμεθα ἡσυχίαν ἄγειν καὶ καρτερεῖν*), porque é essa a atitude própria de um homem, e a outra, a que há pouco louvávamos, é própria de uma mulher.”

⁷ À parte a adequação gramatical, como a declinação dos casos, por exemplo, o epíteto *atrugétoio* (*ἀτρυγέτοιο*) não aparece na passagem referida, mas está associado ao mar nos poemas. Sobre as citações de Homero na *República*, cf. Silva, 2017.

essa morte, culminando com o ultraje do cadáver de Heitor (*Il.* 24). No primeiro trecho (*Hom. Il.* 24, 10-12) destacam-se os versos em que Aquiles, insone, lembra o companheiro morto (*Homero, Il.* 24, 09-18, sublinhados os versos citados por Platão)⁸:

Mentalizando isso, vertia espesso choro,
 ora deitado de lado, ora de novo de costas,
 ora de bruços. Então se punha de pé
 e vagava, fora de si, ao longo da praia, e a aurora,
 ao surgir sobre o mar e as praias não ignorava.
 Não, ele jungia os velozes cavalos ao carro,
 prendia Heitor atrás e o arrastava
 três vezes em volta da tumba do Menecida morto;
 de volta, descansava na cabana e o largava,
 estendido de bruços no pó.

É um Aquiles transtornado, fora de si, que se desenha nesses versos, que ora chora copiosamente, ora, desassossegado, enquanto todos dormem, sai a andar a esmo até que o dia raie para dar vasão à ira contra Heitor, maltratando seu cadáver, somente após o qual, podia, enfim, descansar. São passados dias desde a morte de Pátroclo e o Pelida já o vingara, enfrentando e matando o filho de Príamo no campo de batalha, e realizara os ritos fúnebres. A dor, no entanto, perdura, indomável.

A segunda referência (*Homero Il.* 18, 23-24)⁹ remete ao momento em que Aquiles recebe a notícia da morte de Pátroclo, dada por Antíloco. Cito novamente a passagem estendida (*Il.* 18, 22-27):

Isso disse, e escura nuvem de angústia encobriu-o;
 com ambas as mãos apanhou o fuliginoso pó,
 verteu-o sobre a cabeça e aviltou a face graciosa;
 as cinzas escuras aderiram à túnica perfumada.
 Ele próprio, grande na grandeza, no pó esticado,
 jazia, e com suas mãos arrancava e aviltava o cabelo.

A reação do Pelida, esfregar em si a poeira do chão, equivale à de Príamo, também lembrada por Sócrates, que deixa de lado a dignidade real e rola por sobre a sujeira, num impulso de aniquilação, após testemunhar a morte de Heitor. O sofrimento do grego diante da morte violenta de seu companheiro dileto foi tão intenso que Antíloco temeu que ele “cortasse o próprio pescoço com ferro” (*Homero, Il.* 18.34). *Homero* capta bem o gesto do homem enlutado, incapaz de

⁸ Versos da *Iliada* citados em grego a partir da edição de A. T. Murray (1957) e, em tradução, de Christian Werner (*Homero*, 2018). Para comparação cito aqui apenas o trecho citado por Platão, na passagem referida anteriormente: ἄλλοτ' ἐπὶ πλευρὰς κατακείμενος, ἄλλοτε δ' αὐτε / ὕπτιος, ἄλλοτε δὲ πρηνής· τότε δ' ὀρθὸς ἀναστὰς / δινεύεσκ' ἄλυον παρὰ θῖν' ἄλος· (*Homero, Il.* 24, 10-12).

⁹ *Homero (Il.* 18, 23-24): ὧς φάτο, τὸν δ' ἄχεος νεφέλη ἐκάλυψε μέλαινα· / ἀμφοτέρησι δὲ χερσὶν ἐλῶν κόνιν αἰθαλόεσσαν / χεῦτο κὰκ κεφαλῆς, χαρίεν δ' ἦσχυνε πρόσωπον·

controlar a dor que o engole. Aos olhos de Sócrates, que censura tais excessos, seria não só possível, como desejável, que ambos a reprimissem. Assim, nada mais lógico do que “pedir a Homero” que suprima essas passagens de seu poema, de modo a resguardar a imagem do herói, filho de uma deusa, a quem esse comportamento é indigno, num belo exemplo do valor da *enkrateia*, ou seja o autocontrole ou o domínio sobre si mesmo e sobre as paixões – vale notar que Platão não emprega o substantivo, mas usa o verbo *karteréo* (καρτερέω), ser forte, resistir.

Os mesmos versos são citados séculos adiante no romance *Quéreas e Calíroo*, de Cáriton de Afrodísias. Passo então ao seu exame, começando pela passagem do canto 24, restrita aos versos 10-11. Cito o trecho do romance (Cáriton, 2020, p. 127; Q&C VI.1, com citação de *Il.* 24, 10-11):

Assim, enquanto Estatira saudava o dia que lhe era prazeroso, o rei não agia igual, mas estava insone a noite inteira

ora deitado de lado, ora novamente

de costas, ora de bruços,

cismando consigo mesmo e dizendo:

– Está aí o julgamento, pois eu, precipitado, marquei uma data próxima. Afinal, o que faremos de manhã? Em breve Calíroo estará de partida para Mileto ou Siracusa. Olhos miseráveis, que têm uma única oportunidade futura para desfrutar da mais bela visão, e, então, um escravo meu será mais feliz do que eu! Examine o que você deve fazer, minh’ alma. Volte-se para si mesma - não há outro conselheiro. O próprio Eros aconselha quem ama. Portanto, em primeiro lugar julgue a si mesmo. Quem é você? O amante ou o juiz de Calíroo? Não se engane! Embora não reconheça, está apaixonado- e será refutado completamente sempre que não a tiver diante dos olhos! Então por que você quer castigar a si mesmo? O Sol, seu ancestral, reservou-lhe esse ser, o mais belo de quantos ele avista, e você recusa o presente do deus? Sim, de certo dou muita importância a Quéreas e Dionísio, meus escravos sem glória, para arbitrar sobre seu casamento e atuar como a velha alcoviteira, eu, o Grande Rei! Mas antecipei-me ao assumir o júri e isso é do conhecimento de todos. Mais que tudo envergonho-me por Estatira. Então, nem torne pública a paixão, nem conclua o julgamento. Basta-lhe apenas olhar para Calíroo. Suspenda o júri, isso é lícito até mesmo em um tribunal ordinário¹⁰.

Os versos se aplicam a Artaxerxes, o Rei Persa, personagem histórico, que no romance sucumbe à beleza de Calíroo, cujo destino deve julgar. Acredito que o enredo, que é cheio de reviravoltas, seja conhecido. Ainda assim situo brevemente a passagem. Calíroo é disputada por seus dois maridos: Quéreas, que a desposara em sua Siracusa natal, e Dionísio, que a comprara de piratas em Mileto. Denunciado o adultério, compete ao Rei dar a sentença, mas ele passa a viver um dilema quando também se apaixona pela moça. No trecho citado Artaxerxes passa em claro a noite que antecede o julgamento, antevendo a partida da mulher amada e refletindo sobre sua situação.

¹⁰ *Quéreas & Calíroo* está citado em grego a partir da edição de Reardon (2004) e, em português, a partir de minha tradução (Cáriton de Afrodísias, 2020): Στάτειρα μὲν οὖν ἠδεῖαν ἡμέραν ἐξεδέχετο, βασιλεὺς δὲ οὐχ ὁμοίαν, ἀλλ’ ἡγρῶσκει δι’ ὅλης τῆς νυκτὸς ἄλλοτ’ ἐπὶ πλευρᾶς κατακείμενος, ἄλλοτε δ’ αὐτὲ ὑπτίως, ἄλλοτε δὲ πρηνής, ἐννοούμενος καθ’ αὐτὸν καὶ λέγων ‘πάρεστιν ἡ κρίσις.

O trecho da *Iliada*, inserido sem qualquer marca distintiva no texto do romance (a diagramação foi proposta pelo editor para ressaltar as citações), aproxima Artaxerxes e Aquiles pela dificuldade de conciliar o sono, não há posição que acomode corpo e sossegue a alma. Mas enquanto o herói homérico sofre a separação derradeira, imposta pela morte do amigo querido, o rei teme não mais poder contemplar a bela grega, depois de confiada ao marido de direito. Está acometido por um sofrimento de natureza erótica, portanto.

Deve-se notar que ao contrário de Aquiles, que se entrega à dor irrefletidamente e é todo emoção; Artaxerxes, que até então lutara para manter a *sophrosyne*, resistindo ou negando a paixão, busca entender o sentimento que o acomete, de modo que faz sentido excluir o verso em que o Pelida é retratado como “fora de si”. Ainda que Cáriton vá buscar em Aquiles o exemplo do homem imerso no *páthos*, pode-se pensar que nesse caso ele tenha ouvido também a Sócrates e tratado de moderar seu personagem, que, ademais, demonstra grande senso de decoro, não se permitindo externar seu sentimento.

Repath (2007:65)¹¹ observa que, embora não fosse de se esperar que Cáriton, tendo composto seu romance no século primeiro, estivesse familiarizado com Platão, uma vez que o *corpus* platônico só se torna mais difundido a partir do século seguinte, é possível ver a influência da filosofia na maneira pela qual ele retrata o processo psicológico de seus personagens quando imersos em conflitos emocionais. Dionísio é um claro exemplo disso. Apaixonado por Calírroe, tenta refrear os instintos, como se vê em Q&C, II.4: “Era visível a luta entre razão e paixão (*agōna logismou kai pathous*). Entretanto, um homem nobre, quando submerso pelo desejo, tentava resistir” (Cáriton, 2020: 49). E na sequência, o narrador arremata (Q&C, II.4): “Eros gostava de desafiar os que deliberam ajuizadamente e julgava uma ofensa o comedimento daquele homem. Por isso incendiava impetuosamente a alma que filosofava sobre o amor” (Cáriton, 2020: 49). Repath chama atenção especialmente para o uso do termo filosofar (*philosophousan*), que sugere que Dionísio, já descrito como culto um pouco antes (*pepaideumenos*, Q&C. II.4), se apoia em preceitos filosóficos, embora não necessariamente primariamente platônicos, para orientar seu comportamento. O que vale para Dionísio, também se aplica a Artaxerxes, na medida em que ambos procuram manter a compostura, sem se entregar a uma paixão sem freios, embora, eventualmente, sejam vencidos por ela.

A segunda passagem homérica referida na *República* (Homero, *Il.* 18, 23-24), é citada duas vezes em *Quéreas e Calírroe* relacionada a seu jovem protagonista, e, em ambas as ocasiões, em contexto erótico¹². Ao ser informado por um estranho que Calírroe o traía, uma calúnia inventada pelos pretendentes preteridos da moça, a reação de Quéreas é equiparada pelo narrador àquela de Aquiles ao

¹¹ Repath (2007, p. 65): “[...] he does not demonstrate the intimate acquaintance with at least the portions of Plato that we find in the later novelists, since Platonism, and the reading of the Platonic corpus, did not come to be universally important until the second century, nor dominant until the third”.

¹² Analisei essas passagens anteriormente em Duarte (2019).

tomar conhecimento da morte de Pátroclo (Cáriton, 2020, p. 25; Q&C, I.4.6, com citação de *Il.* 18, 22-24):

Saiba, então, que sua mulher o está traindo e, para que creia nisso, estou pronto a mostrar o adúltero em flagrante.

*Ele assim falou. Negra nuvem de dor envolveu-o,
e, tomando com ambas as mãos da terra escura,
verteu-a pela cabeça, enfeando o rosto delicado.*

Γίνωσκε τοίνυν μοιχευομένην σου τὴν γυναῖκα, καὶ ἴνα τούτῳ πιστεύσης, ἔτοιμος ἐπ' αὐτοφώρῳ τὸν μοιχὸν δεικνύειν.

Ὡς φάτο· τὸν δ' ἄχεος νεφέλη ἐκάλυψε μέλαινα,
ἀμφοτέρησι δὲ χερσὶν ἐλὼν κόνιν αἰθαλόεσσαν
χεύατο κακῆ κεφαλῆς, χάριεν δ' ἤσχυνε πρόσωπον.

Registre-se que, diferentemente de Platão, Cáriton guarda também o verso 22, ressaltando o paralelismo da situação, já que tanto Aquiles quanto Quéreas vêm de ouvir a fatídica notícia da boca de um emissário. Há duas maneiras de interpretar a referência aos versos homéricos nesse contexto. Pode-se pensar que Cáriton propõe que a dor da traição, e consequentemente, da perda da amada, é semelhante à do luto, no que hoje teria respaldo da psicanálise. Outra hipótese é que o emprego dos versos é irônico, apontando para uma reação exacerbada e despropositada do herói do romance, para qual se chamaria a atenção ao evocar o Pelida, que estaria em outro patamar.

A mesma passagem da *Ilíada* volta a ocorrer mais adiante no romance, resrita agora aos mesmos versos 23-24. Quéreas, que estava na iminência de rever Calírroe após longa separação, recebe ordens para adiar o encontro até que fosse o momento oportuno. Diante da impossibilidade de reunir-se de imediato à mulher, ele vai para seu quarto e (Cáriton, 2020, p. 107; Q&C, V.2, com citação de *Il.* 18, 23-24):

Atirando-se ao chão e rasgando a roupa, com ambas as mãos tomando
da terra escura,
verteu-a pela cabeça, enfeando o rosto delicado.

ἀπῆλθεν εἰς τὸ δωμάτιον, ἐν ᾧ κατήγετο μετὰ Πολυχάρμου τοῦ φίλου, καὶ ῥίψας ἑαυτὸν εἰς τὸ ἔδαφος, περιρρηξάμενος τὸν χιτῶνα ἀμφοτέραις χερσὶν περιελὼν
κόνιν αἰθαλόεσσαν
χεύατο κακῆ κεφαλῆς, χάριεν δ' ἤσχυνε πρόσωπον.

Mais uma vez evidencia-se o descontrole de Quéreas, que se mostra incapaz de refrear as emoções, contrastando, assim, com Dionísio e Artaxerxes, rivais no amor de Calírroe, que, ao menos, tentam fazê-lo. Atente-se, contudo, que neste caso, o herói do romance busca a privacidade de seus aposentos para dar vazão à sua dor, diferentemente do que ocorre na passagem anteriormente citada, em que ele estava no ginásio, exercitando-se.

Como apontei no início, Cáriton propõe Aquiles como um dos modelos para caracterizar seu protagonista em inúmeras passagens. Em comum com ele, Quéreas teria a impulsividade, manifesta nas explosões de raiva e de lágrimas,

que não raro resultam no colapso emocional que leva o herói à beira do suicídio. Isso fica evidente no ataque de ciúmes que culmina na agressão contra Calíroo, que está na origem das desventuras do casal e, por suposto, da trama do romance, assim como o enredo da *Iliada* se inicia com a ira de Aquiles contra Agamemnon¹³.

É importante notar que o emprego desses versos característicos de um Aquiles enlutado em contexto de sofrimento erótico parece corroborar o entendimento da relação entre Pátroclo e Aquiles como sendo de natureza amorosa. Não é novidade que, embora Homero não qualifique o vínculo entre Aquiles e Pátroclo, desde pelo menos o período clássico já está pressuposta uma dimensão homoerótica¹⁴. Para Morales e Mariscal (2003, p. 293), Cáriton se alinha com os que consideraram assim, fazendo de Aquiles um paradigma do herói romântico. De qualquer forma pode-se advogar que um contexto termina por contaminar o outro, produzindo uma leitura reversa, em que o romance subscreve uma determinada interpretação para o poema épico ao propor a relação entre Aquiles e Pátroclo como equivalente à de Quéreas e Calíroo ou mesmo do Grande Rei para com a moça.

Resta considerar se essas citações homéricas em Cáriton estariam impregnadas pela leitura que Platão oferece delas na *República*, implicando a censura de um comportamento excessivo. Há uma notável mudança de caráter de Quéreas ao final do romance, quando ele se junta ao exército egípcio para lutar contra os persas, canalizando para o combate as emoções, notadamente a cólera, *orge*¹⁵. Nesse momento ele se torna mais controlado, embora sua motivação para tal fosse buscar uma morte honrosa em vista da desilusão amorosa. Conforme observa Sano (2013, p. 108):

A excelência militar de Quéreas assinala uma mudança de atitude que representa o seu amadurecimento como homem adulto, algo necessário para ele recuperar Calíroo. No romance, porém, o valor marcial não é o que define a *areté* do herói, pois o que se espera é que o herói tenha aprendido uma lição para ambos os aspectos público e privado de sua vida, que parece dizer respeito ao controle das emoções.

¹³ Cf. De Temmermann (2014, p. 48): “As Achilles’ anger is the starting point of the *Iliad*, Chaereas’ anger will be the starting point of the many adventures making up the love story.” Embora De Temmermann empregue “anger” tanto para Aquiles quanto para Quéreas, o campo lexical da raiva é bastante amplo no grego antigo. A *Iliada* emprega *menis* para descrever a ira de Aquiles, palavra que, no poema, aplica-se apenas a ele e aos deuses. Para Aristarco, comentador alexandrino de Homero, indicaria um “rancor duradouro”. No romance de Cáriton, a cólera de Quéreas, sempre dada pelo termo *orge*, tem por princípio os ciúmes infundados (I.3; I.4) e, por consequência, as agressões contra Calíroo, que atraem a punição de Afrodite. No segundo livro da *Retórica*, que constitui o estudo mais sistemático das emoções entre os gregos, Aristóteles emprega *orge* para tratar da raiva, definida como o desejo de vingar-se ostensivamente de um desprezo manifesto e imerecido (Aristóteles, *Retórica* II.2).

¹⁴ Cf. Ésquilo (*Mirmidões*), Platão (*Simpósio*, 179e-180b) e Ésquines (*Contra Timarco*, 142-150).

¹⁵ Calíroo observa que foi a raiva contra o Rei (*ὀργή πρὸς βασιλέα*) que alçou Quéreas ao comando da frota egípcia (Cáriton, VIII.3).

Ao que tudo indica essa correção de rota estaria associada à demanda para que se adequasse ao padrão de comportamento social condizente com alguém de seu *status*, o que requereria o domínio emocional. Isso condiz exatamente ao que Sócrates advoga na *República*. Creio então ser possível propor que Cáriton, tendo ou não acesso direto à obra de Platão, conhecia ao menos superficialmente sua crítica a esses versos homéricos, que cita de forma a evocar também esse contexto filosófico.

Referências Bibliográficas

- Aristóteles (2000). *Retórica das Paixões*. Tradução Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Cáriton de Afrodísias (2020). *Quéreas & Calíroo*. Tradução de A. S. Duarte. São Paulo, Brasil: Editora 34.
- De Temmerman, K. 2014. *Crafting characters. Heroes and heroines in the ancient Greek novel*. Oxford: Oxford University Press.
- Duarte, A. S. (2019). Que eu não morra sem luta e sem glória: as citações da *Iliada* em *Quéreas e Calíroo*. *Classica. Revista Brasileira de Estudo Clássicos*, 32 (1), 181-194. URL: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/839>
- Homer (1957). *Iliad*. Edited by A. T. Murray. Cambridge/Ma, United States of America: Harvard University Press.
- Homero (2018). *Iliada*. Tradução de Christian Werner. São Paulo, Brasil: Sesi/Ubu.
- Morales, M. S.; Mariscal, G. L. (2003). The relationship between Achilles and Patroclus according to Chariton of Aphrodisias. *The Classical Quarterly*, 53 (1), 292-295.
- Platão (2006). *A República*. Tradução de Anna Lia A. A. Prado. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Repath, I. (2007). Emotional Conflict and Platonic Psychology in the Greek Novel. *Ancient Narrative: Philosophical Presences in the Ancient Novel*, 53-84.
- Reardon, B. P. (ed.) (2004). *De Callirhoe narrationes amatoriae Chariton Aphrodisiensis*. Monacchi: K. G. Saur.
- Sano, L. (2013). *Sendo homem: a guerra no romance grego*. (Doctoral Dissertation, Universidade de São Paulo). URL: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-14012014-125047/pt-br.php>
- Silva, R. G. T. (2017). Treslendo a citação (República): de Platão a Homero. *Nuntius Antiquus*, 13 (1), 205-226. URL: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17124
- _____. (2015). Lendo a citação (Cáriton, 43d1-44b5): “Vou-me embora pra fértil Phthía...”. *Nuntius Antiquus*, 11 (1), 205-226. URL: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17172
- Tilg, S. (2010). *Chariton of Aphrodisias and the invention of the Greek love novel*. Oxford, England: Oxford University Press.

Resumo

Cáriton de Afrodísias é, dentre os autores do romance antigo, o que mais citações de Homero incorpora à sua obra. Grande parte delas tem por efeito realçar o componente patético da narrativa, contribuindo para a caracterização dos personagens. Dentre as citações de versos homéricos em *Quéreas e Calíroo*, há duas passagens (Q&C, I.4; V.2; VI.1) que foram anteriormente referidas em um conhecido passo da *República* (387 b – 388 c), de Platão. Nele Sócrates censura Homero por apresentar Aquiles imerso em sofrimentos, remetendo para alguns versos da *Iliada* (Il. 18, 23-24; Il. 24, 10-12) com o intuito de ilustrar seu ponto de vista. Vou me concentrar no exame desses versos e de sua retomada em Platão e em Cáriton para investigar como o herói da *Iliada* é recepcionado por esses autores e se é possível afirmar que aí se desenha uma relação de intertextualidade entre épica, diálogo filosófico e romance antigo.

Abstract

Among the authors of the ancient Greek novel, Chariton is the one that most frequently quotes Homer. Most of these quotations have the effect of highlighting the pathetic component of the narrative, contributing to the characterization of the novel's hero and heroine. In *Chaereas and Callirhoe*, two of these quotes (C&C, I.4; V.2; VI.1) were previously referred to in a well-known step in Plato's *Republic* (387 b - 388 c), in which Socrates reproaches Homer for portraying Achilles in suffering, quoting some verses from the *Iliad* (Il. 18, 23-24; Il. 24, 10-12) to illustrate his point of view. Through the examination of these passages, I intend to investigate Chariton's use of Homer and whether his reading can somehow reflect Plato's, establishing an intertextuality relationship between epic, philosophy and ancient romance.